

## EDITORIAL

Com a progressiva consolidação da globalização neoliberal, vigem em toda parte diferentes mecanismos de controle sobre a educação, pondo em perspectiva padrões genéricos, comparáveis, homologáveis e recontextualizados nos planos nacionais. Interessante observar que o jogo entre as políticas globais e as mediações nacionais acaba operando predominantemente em favor da funcionalização econômica da educação e, nesse contexto, da privatização. Na metapolítica orientada pelos marcos normativos das “boas práticas” internacionais, a avaliação tem papel central e cada vez menos deixa de ser campo de atuação protagônica dos educadores e dos atores nacionais. Quem mais prevalentemente define a qualidade em educação nos dias atuais é o mercado, de expressão global, e não a educação. São critérios e metodologias oriundos do mundo econômico que mais fortemente dão a direção e os sentidos da avaliação também em educação. Isto tem impactos nas finalidades, nos currículos, nas práticas, nas atitudes dos estudantes, nos projetos de ensino-aprendizagem, na formação, enfim, nos mais amplos aspectos do fenômeno educacional.

Estamos oferecendo aos estudiosos da educação superior um conjunto de textos de autores de variada procedência: do Brasil e de Portugal, de universidades públicas e privadas/comunitárias e de diversas áreas de formação. Como se observa, nesta 55ª edição da revista **Avaliação** predominam estudos sobre alguns temas relacionados a estudantes universitários e avaliação. Uns artigos relacionam a avaliação com temas que envolvem atitudes de estudantes, outros a remetem a questões de ensino e aprendizagem, a instrumentos de avaliação, a problemas e dificuldades em práticas avaliativas, a aspectos históricos etc.

**Denise Leite** (UFRGS) observa que os estudos sobre estudantes, no Brasil, além de tratarem sobre os temas das aprendizagens como mais comumente se verifica na Europa, aqui também atribuem uma forte ênfase à perspectiva política e social. Isto se explica pelo grande envolvimento dos estudantes em movimentos organizados que visavam, em diferentes momentos, influir nos destinos da sociedade brasileira, em geral, e da educação, em particular. Os movimentos estudantis constituíam um fator importante de formação política. A autora aponta a influência dos atuais instrumentos de avaliação, especialmente

os exames nacionais de todos os níveis, bem como os apelos consumistas e individualistas como importantes elementos causantes da crescente despolitização dos estudantes. **Sónia Cardoso, Rui Santiago e Cláudia Sarrico** (CIPES/ Matosinhos e Un. de Aveiro, Portugal) analisam representações de estudantes portugueses a respeito da avaliação das IES. Concluem que os estudantes assumem atitudes tendencialmente positivas e reconhecem a legitimidade dos processos avaliativos em vista da melhoria institucional e da qualidade da formação. **Sandra R. Fernandes, Maria A. Flores e Rui M. Lima** (U. Minho) apresentam alguns dados de uma pesquisa mais ampla que trata do impacto de uma “Aprendizagem Baseada em Projetos Interdisciplinares no Mestrado Integrado de Engenharia e Gestão Industrial”, conduzida na Universidade do Minho, Portugal. O artigo confere ênfase às percepções dos alunos a respeito dessa experiência interdisciplinar e aos possíveis impactos nos processos de aprendizagem. Concluem os autores que esses Projetos Interdisciplinares se associam, por parte dos estudantes, a uma maior compreensão e aplicação dos conteúdos e ao desenvolvimento de competências transversais (como capacidade de comunicação, trabalho em equipe, resolução de problemas, gestão de conflitos, sentido de responsabilidade etc.). **Eula Maria de M. B. Costa, Célia M. Ribeiro e Regina Beatriz B. Vieira** (UFG) analisam o desenvolvimento do processo de avaliação institucional da Universidade Federal de Goiás. A Avaliação Institucional nessa Universidade, em seus diversos momentos, articulada com o planejamento e a informação, tem se constituído como um elemento importante do Programa de Gestão Estratégica. **Cisne Z. T. Reis, Suely de Fátima R. Silveira e Marco Aurélio M. Ferreira** (UFV), utilizando-se de questionários e procedimentos estatísticos, identificam as percepções de cada segmento universitário acerca dos resultados da autoavaliação institucional. Em conclusão, indicam que as percepções de discentes e docentes, em sua maioria, são mais positivas que as dos técnicos administrativos. **Júlio C. G. Bertolin e Ana Carolina B. de Marchi** (UFP) propõem instrumentos para avaliar disciplinas semipresenciais da educação superior. O instrumento é elaborado pelos autores como uma contribuição à avaliação das atividades pedagógicas no âmbito da Educação a Distância. **Hélio R. Bittencourt, Lori Viali, Alziro C. de Moraes Rodrigues, Alam de O. Casartelli** ((PUCRS) analisam o impacto das mudanças efetuadas pelo INEP nos pesos do Conceito Preliminar de Curso, derivados do ENADE, sobre os resultados de avaliação da educação superior em Universidades Federais e Privadas. **Carlos R. M. Hayashi e Amarílio Ferreira Junior** (UFSCar) apresentam um estudo sobre o campo da História da Educação no Brasil. Tomando como base censitária o

ano de 2004, identificaram a existência de 108 grupos e 317 linhas de pesquisa em História da Educação. Entre os temas mais recorrentes, citam: história da educação, formação de professores e história da educação em temas específicos. **Marjorie C. R. da Silva, Claudette M. M. Vendramini e Fernanda L. Lopes** (USF) verificam, neste artigo, em que medida o desempenho dos estudantes no ENADE/2005 variou segundo gênero e variáveis socioeconômicas. Dentre as conclusões, destacam: o desempenho dos homens foi maior nos componentes “formação geral” e “conhecimentos específicos” nos cursos de Matemática, Letras, Biologia, História, Geografia e Filosofia; observaram certa tendência de modificação ou até mesmo de inversão de papéis em áreas tradicionalmente reconhecidas como estereotipadas. **Ana Júlia S. Gomes, Luis do N. Ortega e Décio G. de Oliveira** (UFSJR/Unoeste) versam sobre dificuldades que os processos de avaliação apresentam em um Curso de Farmácia. Além dos instrumentos tradicionais, os autores sugerem a inclusão do Portfólio e indicam a necessidade de uma forte profissionalização dos professores.

Que estes textos sejam úteis aos estudiosos da avaliação e a todos que se interessam pela temática da educação superior. Agradecemos a colaboração. Boa leitura!

*José Dias Sobrinho*  
editor